



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

IMIGRAÇÃO E RESTRIÇÃO: COMO *CHINA MEN* (RE)CONTA A IMIGRAÇÃO CHINESA PARA OS ESTADOS UNIDOS

IMMIGRATION AND RESTRICTION: HOW *CHINA MEN* PORTRAYS THE CHINESE IMMIGRATION TO THE UNITED STATES

Jessika Rubiati Scalvenzi¹

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo analisar como Maxine Hong Kingston retrata a imigração chinesa para os Estados Unidos nos séculos XIX e XX. O método de análise utilizado será o comparativo entre Literatura e História, e o corpus será composto pela obra *China Men* (1989). Serão analisados, por meio de concepções culturais sobre imigração e identidade presentes em Harari (2018) e Bauman (2005) como a imigração e suas restrições influenciaram a obra de Kingston, e como a autora relaciona estas com suas experiências, através da reflexão e da reconstrução de suas histórias, em um processo de combinação de estruturas históricas e ficcionais (Sato, 1991). Também serão abordadas questões sobre identidade por meio de Hall (2006), principalmente sobre a fragmentação da identidade moderna e pós-moderna, e como a autora se utiliza dessa estrutura de re-imaginação dos processos históricos para construir sua narrativa sobre a imigração chinesa e suas restrições, abordando como a cultura oriental se mantém nos Estados Unidos. Dessa maneira, Kingston constrói uma nova identidade para si e para as personagens re-imaginadas em sua narrativa, abordando aspectos culturais e sociais.

Palavras-chave: Imigração. Identidade. Kingston. Estados Unidos.

Abstract: This study aims to determine how Maxine Hong Kingston portrays the chinese immigration to the United States between centuries XIX and XX. The method of analyses is the comparative between Literature and History, the corpus studied being *China Men* (1980). Immigration and it's restrictions were analysed through cultural conceptions about immigration and identity as presented in Harari (2018) and Bauman (2005), as to determine how immigration and it's restrictions influenced Kigston's book and how she connected them with her experiences by reconstruction and reflection of her stories, in a process of combining the historical and fictional structures (Sato, 1991). There will be discussions about identity by Hall (2006), mainly about the fragmentation of the modern and postmodern identity, and how the author uses this structure of re-imagination of the historical process to build her chinese immigration narrative, also discussing how it remains in the United States. The conclusion is that Kingston develops a new identity for herself and for the characters re-imagined in her narrative, as well as addressing cultural and social aspects.

Key words: Immigration. Identity. Kingston. United States.

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Graduada em Letras pelo Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto. E-mail: jessika.rubiati@gmail.com.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Introdução

Maxine Hong Kingston nasceu em 1940, na Califórnia, e é a filha mais velha de imigrantes chineses. Em 1976 ela publicou seu primeiro livro, *The Woman Warrior*, em que narra e recria suas experiências como filha de imigrantes nos Estados Unidos. O livro foi muito bem recebido, ganhando a premiação *National Book Critics' Circle Award for nonfiction* de 1976, e ao mesmo tempo recebeu várias críticas de escritores chineses, sendo acusado de reforçar estereótipos. Anos depois, Kingston publicou seu segundo livro, *China men*, em 1980. Ela publicou também *Tripmaster Monkey: His Fake Book* (1989), *To Be the Poet* (2002), assim como uma coleção de pequenas histórias no livro *Hawai'i One Summer* (1987) e também em *Veterans of War, Veterans of Peace* (2006), uma coletânea de prosas e versos sobre experiências traumáticas de guerra.

Em seus primeiros livros, Kingston traz questões muito interessantes sobre a imigração nos Estados Unidos. Como filha de imigrantes chineses, a autora narra suas experiências duplas, com uma educação que traz à tona as tradições e a cultura da China, e também como americana, residente da Califórnia, inserida na cultura ocidental do século XX. Obviamente, essas duas vidas colidem uma com a outra, e as obras de Kingston focam nessa colisão, com histórias sobre parentes e conhecidos chineses e americanos, imigrantes ou filhos de imigrantes.

Em *China Men*, Kingston foca suas histórias nas narrativas que escutou a vida inteira sobre sua família migrante. O título se refere a apenas homens pois, como veremos adiante, reflete as restrições sobre a imigração chinesa nos Estados Unidos, em que apenas homens poderiam entrar legalmente. A obra é dividida em capítulos, cada um deles com uma história ou um tema diferente, em tempos diferentes, sendo alguns mais simbólicos, relembrando mitos tradicionais, e outros mais diretos, com nomes, datas, personagens mais definidos e mais voltados para a realidade. Kingston mistura essas duas maneiras de contar suas histórias, espelhando nessa duplicidade a vida dupla entre as culturas chinesas e ocidentais.

O objetivo deste artigo é explorar e analisar como Kingston constrói sua narrativa voltada para a identidade, analisando como seu texto se alinha às questões históricas e ao mesmo tempo, como ela reconstrói de maneira única as narrativas de origem familiar e também mitológica. O método utilizado será o comparativo entre literatura e história, com observações acerca da construção de identidades, baseando-se nas concepções de Hall (2006) e Bauman (2005). Sobre a imigração, serão analisadas questões pertinentes por meio de Harari (2018), que refletem a problemática da identidade e do pertencimento.

Contexto histórico

A imigração de chineses para os Estados Unidos sempre existiu, porém, teve um grande aumento entre os anos 1850 e 1860 (BOYD, 1971), sendo bem-vinda para suprir a necessidade de mão de obra. Em primeiro momento, os imigrantes eram contratados na China para trabalharem



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

em plantações de cana-de-açúcar, no Havaí, assim como em construções de estradas de ferro no oeste dos Estados Unidos.

Entretanto, com o crescimento do número de imigrantes chineses, a competição entre os trabalhadores chineses e americanos aumentou, gerando conflitos e oposição à imigração chinesa. Em 1871, ocorreu o primeiro grande conflito entre chineses e a população local de Los Angeles, que terminou com mortes violentas de grande parte da população chinesa. Esse movimento contra os chineses se espalhou pelo país auxiliado pela imprensa e, desta maneira, em 1882, foram colocadas em vigor as leis de exclusão chinesas, que tinham como objetivo a diminuição da entrada de chineses no país. Segundo Erika Lee (2002), essa foi a primeira lei visando a exclusão de um povo baseado em status e raça nos Estados Unidos, sendo que as leis anteriores visavam facilitar a sua entrada para o trabalho.

Evidentemente, as leis de exclusão não impediram os movimentos de imigração da China para os Estados Unidos. Um dos principais motivos para a imigração era a promessa de trabalho e dinheiro. O destino principal era o estado da Califórnia, conhecido pelos chineses como *Gold mountain*, (montanha de ouro), referência à corrida do ouro de 1849 (Chew, Keith, Liu, 2009). Com as leis de exclusão, começaram as imigrações ilegais para os Estados Unidos, com o uso de várias manobras que tiravam proveito de brechas existentes nas leis. Com a exclusão de imigração para mulheres e com as leis de anti miscigenação, 90% dos imigrantes chineses eram homens. Esperava-se um declínio da população chinesa no país, que ao longo do tempo estaria envelhecendo. No entanto, dados recentes sugerem que a população chinesa continuava “perpetuamente jovem” (Chew, Keith, Liu, 2009, p. 412).

Os chineses que possuíam idade avançada e haviam retornado para a terra natal em definitivo vendiam ou passavam seus documentos considerados legais para a próxima geração, que tomava o seu sobrenome para conseguir entrar nos Estados Unidos sem problemas, como cidadãos americanos. Isso explorava uma brecha nas leis, em que permitia que familiares imediatos que fossem comerciantes ou que tivessem outros cargos permitidos pela lei entrassem no país. Os que não possuíam esses meios, imigraram para México ou Canadá, com leis menos exclusivas, e de lá atravessaram a fronteira ilegalmente. Havia também uma brecha para os imigrantes em trânsito, uma vez que o país permitia a sua entrada desde que estivessem a caminho de outros países, e assim, estes trocavam de lugar com os que tinham intenção de permanecer. E finalmente, uma série de terremotos em 1906 em São Francisco causaram a destruição de documentos que, segundo os chineses, provavam sua legitimidade como “cidadãos americanos”, e com isso foram feitos novos documentos que os consideravam cidadãos americanos, portanto permitindo sua permanência nos Estados Unidos.

A Temática de *China Men*

Em *China Men*, Kingston reconstrói pela escrita histórias que ouviu de seus pais e parentes sobre a imigração, não apenas de sua família imediata, mas também de seus avós e tataravós. A



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

autora divide o livro em capítulos, e para este artigo, vamos nos concentrar nos capítulos que focam na imigração, com comentários sobre suas implicações históricas e sobre como a narrativa de Kingston reflete sua busca por identidade.

Um dos primeiros capítulos a abordar a imigração é *The father from China*, em que Kingston narra primeiro o nascimento de seu pai, na China, para depois tratar de sua chegada aos Estados Unidos e de como ele forma sua família em Los Angeles. Neste capítulo, Kingston deixa claro que, ao contrário de sua mãe, seu pai é estranhamente silencioso sobre sua vida na China, e de como tem apenas as histórias de sua mãe como fonte.

You say with a few words and the silences: No stories. No past. No China. You only look and talk Chinese. There are no photographs of you in Chinese clothes nor against Chinese landscapes. Did you cut your pigtail to show your support for the Republic? Or have you always been American? Do you mean to give us a chance at being real Americans by forgetting the Chinese past?
(KINGSTON, 1989, p. 18)

É importante ressaltar, entretanto, que em seu primeiro livro, *The Woman Warrior*, a mãe da autora tem um papel central nas histórias que Kingston conta, uma vez que é ela quem traz a narrativa sobre as histórias e tradições da China para a vida de Kingston. E ela tem sua importância no talento que Kingston chama de *Talk-story*, e que afirma que herdou de sua mãe. No caso de seu pai, existe uma outra herança: vindo de uma família de camponeses, ele foi o único da família a ter acesso a formação acadêmica. Dele, Kingston herda outro talento, outra maneira de contar histórias: a escrita. Kingston deixa claro esse contraste entre seus pais quando afirma que ambas, ela e Brave Orchid, pensam como camponeses: “*I take after MaMa. We have peasant minds. We see a stranger’s tic and ascribe motives.*” (KINGSTON, 1989, p. 18-19). Percebe-se nesse trecho o que Kingston fará durante toda a sua narrativa, que é observar e ouvir o que dizem e então re-imaginar e relatar o que ela acredita ter acontecido, o que ela já fez no início, ao questionar seu pai sobre o seu silêncio.

Ao iniciar sua narrativa sobre o que acredita ter acontecido, Kingston relata algumas histórias sobre o nascimento de seu pai, o filho mais novo de uma família de camponeses na China. Sua vida é definida desde seu nascimento, uma vez que nasceu com “mãos de acadêmico” (KINGSTON, 1989, p. 20, tradução minha) e foi preparado desde a infância para estudar e fazer o Exame Imperial. Ao mesmo tempo que tem toda a atenção de sua mãe, que tem sonhos grandes para o filho, ele é particularmente isolado dos outros membros da família. Depois de realizar o Exame Imperial, ele se torna professor das crianças de sua vila, um emprego que se torna, com o tempo, um encargo negativo.

Tudo muda quando, em uma reunião familiar, ele escuta as histórias dos mais velhos sobre a *Gold Mountain*. Em sua maioria, as histórias são positivas e exageradas, e causam espanto e admiração nos mais novos e nas mulheres - que nunca viajaram. É nesse momento que Kingston demonstra como a imigração era importante para essa família, que viaja até os Estados Unidos há



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

séculos. “*Gold blood ran in their veins. How could they not go to the Gold Mountain again, which belonged to them, which they had invented and discovered?*”(KINGSTON, 1989, p 56).

A partir desse ponto, temos a narração de como o pai da autora viaja até os Estados Unidos. Se utilizando da brecha familiar nas leis de exclusão, ele assume o nome de outra família que já morava nos Estados Unidos e que já tinha documentos. Porém, alguns parágrafos depois, Kingston coloca essa informação como apenas uma das possibilidades. É aqui que apresentamos uma das questões-chaves sobre as obras de Kingston: como narrar sobre uma história cujos acontecimentos ela tem acesso apenas a narrativas de terceiros?

Kingston mistura ficção e história em sua narrativa, combinando histórias e versões do que aconteceu de fato - ou seja, do fato de seu pai ser um imigrante - e a reconta através de suposições, não decidindo o que é real ou inventado (SATO, 1991 p.198-199). Em *China Men*, isso se vê presente ao narrar o método de imigração de seu pai, ao dizer que ele imigrou legalmente, para logo depois descrever a parte da viagem que ele não conta como sendo ilegal, descrevendo em detalhes a viagem dentro de uma caixa, em um barco de Cuba para os Estados Unidos. Além de supor estes detalhes, Kingston narra essas histórias como se houvessem ocorrido com outros pais imigrantes.

Ao mesmo tempo, ela constrói imagens de solidão e ansiedade, utilizando-se de lendas e criaturas mitológicas, como a do Rei Dragão e seu castelo debaixo d'água:

He wanted to look out and see if his box had dropped overboard and was floating atop water, a transparency that ought not to be able to bear weight; he could have been immersed and this wooden air bubble hanging at a middle depth, or falling through the whale waters. People said that a Dragon King ruled an underwater city in the Yellow River; what larger oceanic unknown—tortoises twenty feet across, open-mouthed fish like the marine monster that swallowed the sutras—swam alongside or beneath him. What eels, sharks, jellies, rays glided a board's-width away? He heard the gruff voices of water lizards calling for the night rain. He must not be afraid; it was sea turtles and water lizards that had formed a bridge for King Mu of Chou. (KINGSTON, 1989, p. 65)

Os mitos chineses estão presentes em vários momentos nas narrativas de Kingston, demonstrando a influência da cultura chinesa trazida por sua mãe em sua educação. Enquanto *Brave Orchid* educa sua filha como uma mulher simples, com contos e mitos para passar seus costumes e suas lições, o pai de Kingston fica calado sobre o passado na China, e não assume esses costumes quando chega aos Estados Unidos. Na seguinte passagem, pode-se ver como ele e seus colegas imigrantes que abriram uma lavanderia juntos em Nova York assumem os costumes do país, e como eles se sentem como americanos por conta disso.

On Saturday Ed and Woodrow went to Fifth Avenue to shop for clothes. With his work pants, Ed wore his best dress shirt, a silk tie, gray silk socks, good leather shoes with pointed toes, and a straw hat. He paid two hundred dollars cash for a



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

blue and gray pinstripe suit, the most expensive suit he could find. In the three-way mirror, he looked like Fred Astaire. He wore the suit out of the store. (...) The two of them strolled Fifth Avenue and caught sight of themselves in windows and hubcaps. They looked all the same Americans. (KINGSTON, 1989, p. 83-84)

Segundo Harari (2017), que traz uma discussão sobre o tema imigração em seu livro *21 lições para o século 21*, a tensão causada pela imigração crescente tem levado a questionamentos sobre essa questão. Apesar de seus comentários serem em sua maioria sobre a situação europeia, podemos perceber semelhanças com a situação dos Estados Unidos, também um destino comum a várias rotas migratórias. Ele propõe a divisão do tema em três termos:

Termo 1: O país anfitrião permite a entrada de imigrantes.

Termo 2: Em troca, os imigrantes têm de adotar as normas e os valores centrais do país anfitrião, mesmo que isso signifique abrir mão de alguns de seus valores e normas tradicionais.

Termo 3: Se os imigrantes se assimilarem num grau considerado suficiente, com o tempo tornam-se membros iguais e integrais do país anfitrião. “Eles” passam a ser “nós”. (HARARI, 2017, p. 179)

Quando discute o termo 2, sobre os imigrantes adotarem os costumes do país que os recebe, Harari (2017) apresenta dois problemas: a assimilação total dos imigrantes à cultura do novo país, que é exigida; e quando isso falha, a dificuldade do país anfitrião de se aceitar o imigrante com sua bagagem cultural. Uma das principais barreiras, segundo Harari, entre os imigrantes e o novo país é a língua, e podemos ver isso em *China Men*, quando Kingston descreve um momento em que seu pai é enganado na lavanderia, e é obrigado a pagar duas mulheres por ser acusado de estragar suas roupas.

The gypsy strewed her clean, pressed rags and rushed out, but she returned with a sister gypsy-and a cop. The two gypsies talked hard (...). The policeman, whose navy blue bulk expanded to fill the room, metal and wood clunking, kept saying, “Small claims court.” Deportation. So you paid, rang up the No Sale on the cash register and paid. Twice.

“I knew she was up to something,” MaMa shouted. (...) “She and that other one who acted as witness concocted a big story in English for the police. And you couldn’t speak english well enough to counteract it. (...)” (KINGSTON, 1989, p. 16).

A polícia - representando aqui uma autoridade americana - pelas palavras de Kingston, parece tomar conta da lavanderia, mesmo estando representada apenas por um policial. Ela intimida o pai de Kingston, que não pode fazer nada em resposta, uma vez que é ameaçado, talvez não pelo policial verbalmente, visto que “*deportation*” não aparece diretamente na fala dele, mas sim pela



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

ideia de deportação caso a questão vá para as mãos de um juiz. Sem recursos financeiros ou mesmo linguísticos para se defender, o pai cede e termina por tomar o prejuízo monetário. Dessa maneira, por não ter se adaptado totalmente à cultura americana, uma vez que não domina o inglês, o pai de Kingston não tem acesso aos mesmos direitos americanos de defesa.

Também temos, em *China Men*, uma temática voltada ao pertencimento (BAUMAN, 2005) - uma discussão nas histórias de Kingston sobre os imigrantes de sua família e sobre sua nacionalidade, muitas vezes forjada por documentos, tais como certidões de nascimento. Isso é mostrado principalmente nos capítulos em que Kingston apresenta seus tataravós, também imigrantes. No capítulo “*The great-grandfather from the Saldalwood moutains*”, Kingston traz a história de Bak Goong, tataravô paterno, que foi contratado pela Sociedade Agricultora do Havaí para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar. O desejo por dinheiro terminava por atrair inúmeros homens, velhos e jovens, para o trabalho na América, mas o que conquistava a confiança deles era um agente que falasse da mesma maneira que os moradores, com provas de que o trabalho recompensaria, prometendo pagar a hospedagem, comida e passagem, e ainda oferecendo dinheiro antecipadamente.

A questão do pertencimento permeia as obras de Kingston, uma vez que, por meio dessas histórias, é possível perceber a busca da própria autora por esse pertencimento, ou seja, uma busca por identidade, ao relacionar suas experiências como americana e como filha de imigrantes.

Concepções de identidade

Stuart Hall (2006), em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, traz concepções sobre a identidade em diferentes épocas, refletindo sobre as mudanças nos conceitos de sujeito e de identidade, para depois desenvolver argumentos sobre a questão do “pertencimento” e, finalmente, sobre a identidade nacional.

Em seu livro, Hall inicia afirmando que o mundo vive atualmente em uma discussão sobre a identidade, uma vez que as velhas identidades e concepções de sujeito entraram em declínio. Segundo o autor, as sociedades modernas estão se transformando ao final do século XX, transformação que decorre de uma mudança estrutural. Esta mudança causa, então, uma fragmentação das paisagens culturais, causando o que é chamado de deslocamento ou descentração do sujeito. É isso que causa, nessa perspectiva, a crise de identidade (HALL, 2006, p. 9). Dessa maneira, se dá a perda da noção de sujeito integrado à sociedade por conta de sua identidade, que era algo físico e estático. A própria noção de identidade é modificada e não consegue categorizar todos os diferentes indivíduos, principalmente no caso da identidade nacional.

Porém, para poder-se dizer que a identidade agora é descentralizada, fragmentada, é preciso definir como e qual o conceito de sujeito, além de demonstrar o percurso da identidade até agora. Hall traz, em seu livro, três concepções: o sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno (HALL, 2006, p. 10). O sujeito do iluminismo, segundo Hall, era um conceito individualista, focado no eu, e era baseado na concepção de identidade única. Esse sujeito, por essa



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

concepção, nascia e permanecia ao longo de sua vida com um “núcleo interior” (HALL, 2006, p. 11). Dessa maneira, tinha-se um sujeito centrado e unificado (HALL, 2006, p. 11). Na concepção de sujeito sociológico, porém, o sujeito seria formado pelas relações interpessoais, de identificação com valores e moral de acordo com a sua comunidade. Ele ainda possui núcleo, mas é modificado por essas relações. Segundo Hall:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior" entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL, 2006. p. 11-12)

Por fim, Hall apresenta o conceito de sujeito pós-moderno, que não possui apenas uma identidade: ela agora se modifica de acordo com as vivências e constantes questionamentos que o sujeito realiza ao longo de sua vida; se torna um processo complicado, e é facilmente desfeita a partir da reflexão sobre si mesmo.

Em *China Men*, essa fragmentação do sujeito é apresentada ao leitor através dos diferentes papéis que os personagens de Kingston têm ao longo da narrativa. Seu pai é um dos maiores exemplos disso, uma vez que ele passa por várias mudanças ao longo do tempo. Primeiro, como homem chinês, filho de camponeses, que assume um papel de autoridade onde mora quando se torna professor. Quando chega aos Estados Unidos, longe da família, ele assume a identidade de homem americano, algo necessário para ser aceito no país. Quando Brave Orchid chega ao país e ele perde o negócio que tinha com seus amigos, ele se torna responsável por uma casa de apostas, assumindo então vários nomes falsos, tornando impossível para a polícia reter seu nome em uma ficha criminal, ao mesmo tempo em que se torna o pai de família que Kingston nos apresenta no início do livro. Seu silêncio sobre a vida na China é a única coisa que não se modifica na narrativa.

A questão da identidade nacional também pode ser vista no livro de Kingston. Segundo Hall, hoje é bastante comum ouvir falar da identidade nacional, uma vez que se tornou a fonte principal de identidade cultural, mesmo que, pela concepção do autor, esta seja uma representação cultural. Hall toma a identidade nacional como algo não imanente ao sujeito, uma vez que não há qualquer questão genética envolvida; não existem, nessa concepção, sujeitos considerados ingleses através do código genético, mas por conta de uma série de concepções criadas e replicadas na cultura inglesa do que é ser inglês. Isso vale para outras nacionalidades, que adotam esses costumes e crenças como fundamentais para a definição de um povo.

Com a cultura nacional, surge uma nova maneira de identificação. É a ideia de pertencimento, em que o indivíduo agora não apenas participa de uma comunidade, mas é definido por ela. É claro, não basta nascer entre essa comunidade, ele também deve fazer parte da nação, adotando seus costumes, suas leis e seus símbolos. A cultura nacional, segundo Hall, virou “uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade” (HALL, 2006, p.50),



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

uma vez que contribuiu para “criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional.” (HALL, 2006, p. 49-50).

No capítulo “*The Grandfather from the Sierra Nevada mountains*”, Kingston reconta a história de seu avô paterno, Ah Goong, que fez várias viagens para os Estados Unidos até a época em que não conseguiu mais trabalhar, deixando vago se isso ocorreu por conta da falta de trabalho, uma vez que as estradas de ferro haviam sido terminadas, ou se foi por conta da idade e da senilidade. Ah Goong, depois de anos trabalhando nos Estados Unidos, se considera um cidadão americano, em uma época em que homens chineses começaram a ser expulsos e caçados. Segundo Kingston, ele passa ileso em vários conflitos entre chineses e não chineses pelo oeste do país, porém contando com a proteção que sua cidadania americana poderia lhe fornecer: “*If he got kidnapped, Ah Goong planned, he would whip out his Citizenship Paper and show that he was an American.*” (KINGSTON, 1989, p. 192).

O fato de se considerar americano não é apenas para se manter no país, mas sim para se proteger, no caso do avô, e para ter acesso como cidadão americano, no caso do pai. Porém, como afirma Harari (2017), o tempo necessário à aceitação dos imigrantes e de seus descendentes pode ser muito longo. Para Kingston, em *China Men* esse tempo para validação de sua identidade americana se mostra injusto. Ao mesmo tempo, as narrativas que escuta desde criança sobre a China, terra de seus pais, fazem com que a autora demonstre o desejo de conhecer o país de fato, não para se conectar com as origens de sua educação, mas sim para descobrir se esse país, tão distante, é o mesmo descrito por sua família: “*(...) I want to discern what it is that makes people go West and turn into Americans. I want to compare China, a country I made up, with what country is really out there.*” (KINGSTON, 1989, p. 114)

Conclusão: O tema imigração na modernidade

A autora mostra que outros parentes, imigrantes, têm inúmeras incertezas sobre sua identidade, e aparentam enfrentar conflitos internos sobre o tema. No capítulo *The making of more americans*, Kingston traz narrativas de outros imigrantes, que similar aos pais dela, deixaram a China e os parentes para trás. Um deles, chamado por ela de “*Mad Sao*” (KINGSTON, 1989, p. 220), se arrepende de não enviar dinheiro para a mãe na China, que termina por falecer, e é atormentado por seu fantasma e suas reclamações de fome. Mas o exemplo mais óbvio é o de um dos parentes da autora, Kau Goon, “*Great Uncle*” (KINGSTON, 1989, p. 232), não querer voltar para a China mesmo com os apelos de sua esposa. Quando questionado uma última vez sobre o assunto, deixa claro que vê a Califórnia como sua casa: “*‘I’ve decided to stay in California.’ He said, ‘California. This is my home. I belong here.’ He turned and, looking at us, roared, ‘We belong here.’*” (KINGSTON, 1989, p. 239).



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

A mulher de Kau Goon, no entanto, tem um desenvolvimento diferente. Através de cartas, ela narra sua fuga da China para Hong Kong, escapando do território comunista para que o marido não tenha medo de voltar. Porém, quando ele se recusa, afirmando que a Califórnia é seu lar, ela retorna ao seu vilarejo, por não desejar viver o resto de sua vida em um “lugar estranho” (KINGSTON, 1989, p. 239-240). Ambos vieram do mesmo vilarejo, porém as experiências de Kau Goong o levaram a permanecer no país estrangeiro, e a considerá-lo como seu verdadeiro lar. Para ele, os Estados Unidos, mais especificamente a Califórnia, não são mais um país ou um estado estrangeiro, anfitriões, e sim seu país.

Kingston traz outros exemplos de integração dos pais à cultura americana, como o tratamento dos mortos. Quando Kau Goon vem a falecer, a mãe de Kingston realiza pequenos gestos que parecem vir da cultura e superstições chinesas, como jogar papéis que parecem dinheiro para fora do carro enquanto levam o corpo do falecido para o cemitério. Porém, depois do enterro, não existem mais costumes relacionados aos mortos, como Kingston narra no seguinte trecho, uma vez que eles agora são americanos:

That was the only time our family went to the cemetery. Other families go every year and even twice a year to bring food, flowers, and paper to their relatives. They eat with or for the dead. "Superstitious backward peasants," my parents say. "We don't have that custom in our family' MaMa says proudly. (...) We treat Kau Goong and any other grandfathers who may be in that cemetery like any American dead. (KINGSTON, 1989, p. 245)

Segundo Bauman (2005), a identidade se tornou uma problemática abordada constantemente na literatura do século XX, por conta da atenção dada às migrações, cada vez mais comuns no mundo globalizado, gerando contato entre diversas culturas e etnias. O autor afirma que a identidade se torna algo problemático apenas quando o indivíduo é retirado de seu lugar de origem e, portanto, se vê sem as certezas de que tinha antes. Na migração chinesa para os Estados Unidos, Kingston aborda essa problemática em *China Men*, explorando narrativas que ouviu de sua mãe e histórias de parentes que migraram para os Estados Unidos, experiências diferentes das dela, já nascida em solo americano. Dessa maneira, Kingston explora situações em que existe um choque entre a cultura do país anfitrião e a cultura da terra natal de seus pais, e os efeitos desse choque não apenas na vida dela, mas na vida de parentes e de outros imigrantes.

As narrativas de Kingston mostram o conflito entre o ficar no novo país e o voltar para a casa que a maioria dos imigrantes enfrenta. A história de Mad Sao, de Kau Goong e do pai de Kingston, homens que migraram para conseguir dinheiro e acabaram por não retornar, formando até mesmo famílias, no caso de Sao, ilustram muito bem essa questão. Entretanto, apesar dos esforços das leis contra imigração nos Estados Unidos, algumas mulheres também conseguiram ultrapassar as barreiras, como Brave Orchid, na esperança de rever seus esposos e tentar trazê-los de volta. Quando essa opção fica cada vez mais distante, conforme as famílias crescem e mais pessoas migram para os Estados Unidos, as tradições chinesas ficam cada vez mais distantes e



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

fazem cada vez menos sentido. Ainda assim, Kingston narra as histórias dos seus pais e avós como se houvesse morado na China, na mesma vila, dizendo frases como “(...) *in our district and spoke like us*” (KINGSTON, 1989, p. 118). O senso de comunidade para com o país existe mesmo quando ele é desconhecido.

No último capítulo de *China Men*, intitulado *The Brother in Vietnam*, Kingston narra a história de um dos irmãos que é convocado para a guerra do Vietnam. Durante esse período, o irmão tem a oportunidade de visitar Hong Kong, onde tenta encontrar os parentes que restaram e Kingston narra o momento em que ele se aproxima da fronteira com a “*People’s Republic of China*” (KINGSTON, 1989, p. 390), em que ele não vê diferença alguma, como esperava encontrar:

He took a train tour, which included a trip to the border of the New Territories. He saw a valley and distant hills covered with wild vegetation. "There is the People's Republic of China," said the guide. If he had not said that, the brother would not have known. A solitary guard stood here and there, also local policemen in British uniforms. The brother saw no man-made crossings, tracks, bridges, or fences, or anything to hinder or facilitate a crossing. No red wall, no curtain. He walked on the overpass above the railroad tracks for a better look at Red China. Just as Hong Kong had a Communist wharf among other wharves, Communist shops among other shops, he saw no Red distinction. (KINGSTON, 1989, p. 390)

A China descrita pelos seus pais e parentes não coincide com a China que ele consegue alcançar. Mesmo o endereço de seus parentes em Hong Kong não bate, e ele não consegue encontrá-los. Depois de anos ouvindo histórias e mais histórias, o irmão não sabe diferenciar o que é real ou não sobre o país de seus pais. Em *China Men*, encontramos este e vários outros exemplos de como o país de origem dos imigrantes afeta várias gerações, com pais, avós e mesmo outros ancestrais que viajaram, seja permanentemente, seja apenas à trabalho. Ao final, a identidade americana é aceita pelo governo, o que apenas reafirma, de maneira legal, o que os avós e outros parentes que permaneceram no país já afirmavam: Que eles são parte dos Estados Unidos, podendo assumir essa identidade tanto no país como fora dele, e que a relação com a China, apesar de real e com grande impacto na cultura e na educação da família de Kingston, tem pouco ou quase nada em comum com estes filhos de imigrantes. Porém, seus efeitos ainda existem, e segundo Harari (2006), a discussão sobre os efeitos da imigração em lugares como a Europa ainda não se concluiu, e podemos dizer o mesmo para a imigração para os Estados Unidos.

Embora segundo Harari (2006) não exista uma conclusão para os efeitos da imigração, nas narrativas de Kingston podemos perceber como os imigrantes chineses, que possuem essa experiência dupla, são afetados pelas mesmas questões, e como a identidade é construída ao longo da narrativa. Ao reconstruir a narrativa sobre a história da imigração do seu ponto de vista como filha de imigrantes, Kingston explora as diversas identidades presentes para descobrir uma para si própria. Porém, como a identidade é algo que está sempre em construção e desconstrução (HALL,



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

2006), Kingston finaliza suas obras ainda desconstruindo as identidades apresentadas anteriormente.

Referências

BAUMAN, Z. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BOYD, M. **Oriental immigration: the experience of the Chinese, Japanese, and Filipino Populations in the United States**. Sage Publications, Inc. on behalf of the Center for Migration Studies of New York, Inc. The International Migration Review, Vol. 5, No. 1, p. 48-61. Spring, 1971 JSTOR <https://www.jstor.org/stable/3002046> Acesso em 29 de abril de 2019

CHEW, K; LEACH, M; LIU, J. M. **The revolving door to gold mountain: how Chinese immigrants got around U.S. Exclusion and replenished the chinese american labor pool, 1900-1910**. The International Migration Review, vol. 43, no. 2, 2009, p. 410–430. JSTOR, www.jstor.org/stable/20681711 Acesso em 29 de abril de 2019.

EAGLETON, T. **Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo**. trad. Maria Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p.67-108.

HARARI, Y. **21 Lessons for the 21st Century**. New York: Spiegel and Grau, 2018

KINGSTON, M. H. **China Men**. New York: Vintage International, 1989.

LEE, E. **Enforcing the Borders: Chinese Exclusion along the U.S. Borders with Canada and Mexico, 1882-1924**. The Journal of American History, Vol. 89, No. 1, p. 54-86, June, 2002. <https://www.jstor.org/stable/2700784> Acesso em 29 de abril de 2019.

ZESCH, S. **Chinese Los Angeles in 1870-1871: The Makings of a Massacre**. University of California Press on behalf of the Historical Society of Southern California. Southern California Quarterly, Vol. 90, No. 2, Summer 2008, p.109-158. <https://www.jstor.org/stable/41172418> Acesso em 19 de dezembro de 2020.